

*Para a História do Socialismo*

Documentos

*www.hist-socialismo.net*

Tradução do russo e edição por CN, 28.09.2011

(original: [http://publ.lib.ru/ARCHIVES/K/KAGANOVICH\\_Lazar'\\_Moiseevich/\\_Kaganovich\\_L.\\_M..html](http://publ.lib.ru/ARCHIVES/K/KAGANOVICH_Lazar'_Moiseevich/_Kaganovich_L._M..html))

---

**Das memórias de Kaganóvitch (VII)<sup>1</sup>**

*Anexos*

## Notas soltas sobre a personalidade de Khruchov ( *finais dos anos 80*)<sup>5</sup>

Sinto a necessidade de responder a uma pergunta que alguns camaradas me fazem, e outros até me criticam, a propósito de ter sido eu sobretudo quem promoveu Khruchov durante uma série de anos.

Como secretário do CC, dirigi o trabalho de quadros e promovi muitas pessoas capazes, em particular do meio operário. Com Khruchov as coisas passaram-se assim. Em 1925, acabado de ser eleito secretário-geral do CC do Partido Comunista (bolchevique) da Ucrânia, parti de Khárkov para o centro da nossa indústria, o Donbass, primeiro para Iuzovka, onde antes da revolução trabalhei numa organização clandestina. Depois de visitar uma série de minas, fábricas, aldeias e bairros participei na conferência distrital do partido.

Durante a conferência veio ter comigo o camarada Khruchov. Disse-me: «*Você não me conhece, mas eu conheço-o, estive cá no início de 1917, você era então o camarada Kocherovitch.*<sup>6</sup> *Dirijo-me a si por um motivo pessoal: é difícil para mim trabalhar aqui. O caso é que em 1923 e 1924 apoiei as intervenções dos trotskistas, mas no final de 1924 compreendi o meu erro, reconheci-o e até me elegeram secretário do comité de bairro. Mas estão sempre a lembrar-me disso, sobretudo o camarada Moissienko, do Comité distrital. Veja, a minha delegação propôs-me para o presidium da conferência, mas fui recusado. Pelos vistos aqui não me deixam trabalhar. Por isso, peça-lhe ajuda, como secretário-geral do CC do PC(b) da Ucrânia, para que me transferiram para outro local.*»

Khruchov deixou-me uma boa impressão. Gostei da forma aberta como reconheceu os seus erros e a avaliação sensata da sua situação. Prometi-lhe que quando chegasse a Khárkov pensaria na sua transferência. Passado pouco tempo, o meu assistente comunica-me que o camarada Khruchov tinha chegado do Donbass e estava a telefonar da estação de comboios, pedindo que o recebesse. Respondi: Então que venha. E recebi-o. Lembro-me de que me agradeceu por tê-lo logo recebido. «*Eu pensava*» – disse ele – «*que teria de esperar longamente*».

Reparando que estava pálido, perguntei-lhe: «*Possivelmente veio directamente do comboio e terá fome?*» Sorrindo, disse: «*Você vê as coisas, é uma pessoa perspicaz, de facto há muito que não como*». – «*Então, coma, e depois falaremos*».

Serviram-lhe chá e sandes que ele comeu com apetite. Perguntei-lhe: «*E se para já lhe déssemos um lugar de instrutor na Secção de Organização do CC? Depois vermos, pode ser que surja uma possibilidade de trabalho local.*» – «*Isso – disse ele – é até demasiado para mim, chego a Khárkov e vou logo para o aparelho do CC, mas uma vez que manifestou essa opinião, eu fico naturalmente muito agradecido pela sua confiança e, evidentemente, aceito.*»

Passado algum tempo vi que era um funcionário capaz e ao saber que o comité distrital de Kíev precisava de gente nova, enviámo-lo para Kíev como instrutor do CC, e lá elegeram-no chefe da Secção de Organização do Comité Distrital. Trabalhou ali até 1929.

---

<sup>5</sup> Lazar Kaganóvitch, *Pámiatnie Zapiski* (notas memoriais), ed. Vagrius, Moscovo, 2003, pp. 644-649. (N. Ed.)

<sup>6</sup> Seguramente um dos nomes usados na clandestinidade por Kaganóvitch. (N. Ed.)

Nessa altura eu já estava novamente no Secretariado do CC do PCU(b) em Moscovo. E eis que, em 1929, fui informado de que o camarada Khruchov tinha chegado de Kíev e pedia para ser recebido. Recebi-o sem demoras. Vinha pedir-me apoio para ingressar na Academia Industrial I.V. Stáline. «*Estudei na Faculdade Operária*» – disse – «*mas não acabei, pois chamaram-me para trabalhar no partido, mas agora queria terminar os estudos na Academia Industrial. Como podem chumbar-me na admissão, peço encarecidamente a sua ajuda para me isentarem de exames, que eu recuperarei.*» A Academia Industrial era frequentada sobretudo por gestores económicos, os quais também eram admitidos em parte com isenção de exames. Depois de me ter aconselhado com os camaradas Kúibichev e Mólotov, telefonei para a Academia e pedi para admitirem o camarada Khruchov.

Em 1930, já tinha sido eleito secretário do Comité de Moscovo do partido, acumulando com as funções de secretário do CC, tive de me ocupar da célula da Academia Industrial – as coisas não corriam bem. Ao participar numa reunião de militantes da célula, assisti a várias intervenções sobre o trabalho insatisfatório do *Bureau* da célula e do seu secretário. O próprio Khruchov interveio. Depois de consultarmos o Comité de Bairro, propusemos o camarada Khruchov para secretário da célula. Neste período, a luta contra o desvio de direita agudizara-se e Khruchov deu boas provas de si na luta contra os direitistas. A conferência do bairro de Baúman elegeu o novo Comité de Bairro e o camarada Khruchov foi eleito seu secretário. Passado algum tempo surgiu a necessidade de um novo secretário para um bairro maior, o de Krasnopresnenski, e nós decidimos propor o camarada Khruchov para secretário deste comité de bairro. Mais tarde, quando precisámos de um segundo secretário do Comité de Moscovo, eu, como primeiro secretário, propus o camarada Khruchov, e depois Khruchov foi eleito primeiro secretário do Comité da Cidade de Moscovo do partido (CCM), que na altura estava integrado na organização do *Oblast* de Moscovo, por isso Khruchov manteve o cargo de secretário do Comité de Moscovo.

Lembro-me de me ter aconselhado com o camarada Stáline sobre este assunto, falei-lhe de Khruchov, que era um bom funcionário, e do seu desvio trotskista em 1923-24. O camarada Stáline perguntou: «*E ele superou esses erros?*» Respondi: «*Não só superou como luta energeticamente contra eles.*» – «*Nesse caso*» – disse Stáline – «*é de propô-lo, tanto mais se é um bom funcionário.*» Lembro-me de que, quando mais tarde almocei em sua casa, Stáline perguntou à sua mulher (ela também estudava na Academia Industrial): «*Nádia, é este o tal Khruchov da Academia Industrial de quem me dizias que era um bom funcionário?*» – «*Sim*» – respondeu ela. – «*Ele é um bom funcionário*». Depois convocaram o camarada Khruchov para uma reunião do Secretariado do CC, onde o camarada Stáline disse: «*Quanto ao seu pecado no passado, deve dizê-lo na conferência antes das eleições, e o camarada Kaganóvitch dirá que o CC sabe disso e tem confiança no camarada Khruchov*». E assim foi feito.

Em Moscovo, Khruchov trabalhou bem e justificou a confiança nele depositada. Mais tarde foi enviado pelo Comité Central para a Ucrânia, onde trabalhou como primeiro secretário do CC do PC(b) da Ucrânia e presidente do Conselho de Comissários do Povo. Deu um grande contributo para o desenvolvimento da Ucrânia, para a industrialização, colectivização e para a luta contra os inimigos, nomeadamente trotskistas, direitistas e nacionalistas. Tal como outros, cometeu

naturalmente erros e faltas. Durante a Guerra Patriótica, Khruchov deu boas provas como membro de conselhos militares das frentes.

Em 1947, o CC do PCU(b) reconheceu a necessidade de separar as funções de secretário do CC e de presidente do Conselho de Ministros da República Soviética Socialistas da Ucrânia. O CC enviou para a Ucrânia o secretário do CC do PCU(b) e membro do *Politburo*, camarada L.M. Kaganóvitch, para desempenhar as funções de primeiro secretário do CC do PC(b) da Ucrânia. Lembro-me de que Khruchov, desgostoso e talvez mesmo ofendido com a decisão do CC do PCU(b), recebeu-me pessoalmente com alegria, dizendo-me: «*Estou muito contente por seres precisamente tu quem enviaram para primeiro secretário.*» Naturalmente prometi-lhe que a minha tarefa era ajudá-lo a ele e ao CC do PC(b) da Ucrânia. E assim foi, trabalhámos em boa harmonia.

Quando regresssei a Moscovo, comuniquei ao camarada Stáline que a situação existente na Ucrânia me tinha agradado embora permanecesse difícil, e pedi que fosse prestada uma ajuda suplementar à república, o que mereceu grande atenção por parte do camarada Stáline que concretizou essa ajuda. A seguir questionou-me sobre Khruchov. Fiz uma avaliação objectiva, notando que, como toda a gente, ele tinha naturalmente defeitos, em particular referi os traços de presunção e sabichão que tinham surgido nele, mas tornara-se um grande quadro dirigente com capacidade para crescer ainda mais.

Convém referir que, nessa altura, Stáline procurava intensivamente pessoas capazes e descobria-as. Por exemplo, descobriu e valorizou Pervúkhine, Kossíguine e Malenkov. Reparou em Malenkov quando o levámos para o Comité de Moscovo, onde foi responsável de organização, e nomeou-o, primeiro, adjunto e depois responsável pela Secção de Organização e Instrução do CC. Da mesma forma, Stáline dirigiu a sua atenção para Khruchov.

Pouco depois, o CC transferiu Khruchov da Ucrânia para Moscovo para as funções de secretário do Comité de Moscovo e mais tarde secretário do CC.

Além disso, precisamente no início dos anos 50, Stáline começou a aproximar-se de Khruchov. Em 1951-52, e até à morte de Stáline, Khruchov, Malenkov e Béria tornaram-se convidados frequentes de Stáline na *datcha* Blijnáia.

Também me perguntam hoje se não lamento ter introduzido Khruchov? Respondo: Não, não lamento, vi-o crescer desde 1925 e tornar-se num grande dirigente à escala de um *krai* ou de um *oblast*. Ele foi útil ao nosso Estado e ao nosso partido, a par de erros e insuficiências, dos quais ninguém está livre. No entanto, a «torre» de primeiro secretário do CC do PCUS revelou-se ser demasiado alta para ele. (Aqui, a iniciativa da sua apresentação não partiu de mim, apesar de ter votado a favor). Há pessoas que ficam com a cabeça à roda quando sobem muito alto. Khruchov revelou-se ser uma dessas pessoas. Vendo-se na torre mais alta, ficou com a cabeça à roda, e desatou a fazer das suas, o que foi perigoso tanto para ele como sobretudo para o Estado e para o partido, tanto mais que lhe faltavam claramente a firmeza e uma base teórica e cultural. A modéstia e o autodidactismo, que lhe eram inicialmente característicos, passaram para segundo plano, e o subjectivismo, a presunção de tudo saber, a «eureka», dominaram o seu comportamento, e isto não podia acabar bem. Isto e muitas outras coisas levaram à queda de Khruchov da torre mais alta.

Escrevi estas linhas sobre Khruchov antes de conhecer a edição das «memórias» de Khruchov. O livro publicado na América apareceu em Moscovo, mas não o li porque não consegui arranjá-lo.

Quando perguntei ao camarada Mólotov se tinha lido essas memórias, disse-me que sim. Indagando-o sobre como as avaliava, respondeu-me: *«É um documento antipartido»*. Então questioneei-o: *«Mas será possível que Khruchov tenha descido tão baixo?»*. Mólotov respondeu: *«Sim, sim, o seu enfurecimento pela forma como acabou a sua carreira de dirigente de Estado fê-lo cair, política e partidariamente, num torvelinho»*. Manifestando pena e indignação, comentei: *«Sim, isso é muito triste»*, ao que Mólotov retorquiu: *«Sobretudo para ti, a verdade é que foste tu que o promoveste»*. *«Sim»* – disse eu – *«promovi-o, é verdade, mas só até certo ponto. Não o propus para o posto de primeiro secretário do CC, prevendo que ele não daria conta do recado, que fracassaria. Todos vós, nomeadamente tu, Viatcheslav, aprovastes esta proposta de Malenkov e de Bulgánine»*.

Depois de ler as chamadas memórias de Khruchov, publicadas na revista *Ogoniok*, convenci-me de que a avaliação de Mólotov é justa. Nem sequer vale a pena responder a Khruchov para não descer ao nível da vendedora de mercado que grita para a vizinha: *«Porca és tu»*. Tive por ele ternos sentimentos de amizade, mas é claro que me enganei. Conclui-se que Khruchov não é um simples camaleão, mas um «reincidente» do trotskismo.